

Classe média volta à escola pública

Falta de dinheiro e melhoria do ensino fornecido pelo Estado levam pais, sobretudo no Centro-Sul, à disputa por colégios oficiais

ELIANA LUCENA

Fotos de Vivianne Rocha

BRASÍLIA — A crise financeira e a melhor qualidade do ensino público na pré-escola e nos cursos fundamental e médio estão levando a classe média a abandonar os colégios privados e atuar de forma decisiva na melhoria do ensino oferecido pelo Estado. “A volta da classe média às escolas públicas é uma das novidades mais importantes da educação nesse fim de década”, acredita o ministro da Educação, Paulo Renato Souza.

Embora o Ministério da Educação (MEC) ainda não disponha de dados sobre esta recente migração, a cada ano aumentam as filas de pais ansiosos por garantir uma vaga na escola pública. No Distrito Federal, dobrou o número de alunos inscritos para disputar um lugar no 2º grau, entre 1995 (10.021) e 1996 (20.110). No ensino fundamental, só este ano, a demanda aumentou de 2% para 4,2%.

O ensino público no Distrito Federal foi considerado o melhor do país, em pesquisa do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), de 1996. O secretário de Educação do Distrito Federal, Antônio Ibanez, afirma que a pesquisa do Saeb também ajudou a derrubar preconceitos, mostrando que o aluno de uma boa escola pública tem desempenho igual ao da escola privada.

“Os pais de classe média que estão levando os filhos para escolas públicas pressionam por um ensino de boa qualidade e os resultados começam a aparecer”, confirma a secretária de Avaliação e Informação do MEC, Maria Helena Castro. Em Brasília, o governo do PT criou conselhos nas escolas, que contam com a participação ativa dos pais de alunos.

O retorno da classe média às escolas públicas está aumentando de forma mais visível nos estados do Centro-Sul. Nas regiões Norte e Nordeste, o quadro mudou pouco até agora. “Ali, continua existindo um fosso muito grande entre as elites e o resto da população”, afirma.

Queda — Na pré-escola, entre 70 e 94, o número de matrículas nas escolas privadas caiu de forma expressiva. Enquanto em 1970 as matrículas na rede pública chegavam a 59,2% e na escola particular a 40,8%, em 94, nas escolas públicas, elas chegaram a 72,1%. Já nos estabelecimentos privados, caíram quase à metade: 27,9%.

Situação semelhante ocorreu no nível médio. No ensino de 1ª à 8ª série, as estatísticas indicam uma queda nas matrículas de 13,6% para 11,6% nas escolas privadas, entre 1970 e 1994. O MEC ainda aguarda os dados finais do censo escolar, para divulgar os dados de 1996.

“Estamos vivendo uma época de mudanças. A partir do fim da década de 80, o Estado voltou a investir na qualidade do ensino, depois de um período marcado pela expansão da rede pública em todo o país”, analisa a secretária Maria Helena.

A proliferação de escolas, nos anos 60, não fora seguida de investimentos na qualidade do ensino. Com isso, a partir daquela década, a classe média passou a fugir da escola pública. “Apenas algumas escolas conseguiram permanecer como centros de excelência”, afirmou a secretária, citando o Colégio Vicente Rao, de Campinas.

No Distrito Federal, a migração para a rede pública retrata a crise enfrentada pela grande massa de funcionários públicos, com salários congelados há dois anos. É o caso de Maiza Buslik, que desde o final de 96 tenta, sem sucesso, uma vaga para o filho em duas escolas públicas de nível médio, consideradas de excelente qualidade: a Setor Leste e a Setor Oeste. A funcionária está entre os 25% de pais que não conseguiram pagar as mensalidades de 96, e agora tentam negociar a dívida com as escolas particulares. “A opção pela escola pública ocorreu não apenas pela situação financeira, mas também porque alguns colégios do Distrito Federal estão se transformando em centros de excelência”, explica Maiza.

O presidente da Federação Interestadual das Escolas Particulares (Fiep), Nelson Pioto, garante que os dados fornecidos pelas escolas privadas em todo o país não indicam, por enquanto, qualquer queda na procura por novas matrículas. “O grande problema enfrentado pelas escolas particulares está sendo a inadimplência”, afirmou. E o desafio, segundo ele, é manter a qualidade, oferecendo uma mensalidade que possa ser absorvida pelas famílias.

A secretária de Avaliação do MEC, Maria Helena Castro, afirma que o Censo Escolar de 96 — que será conhecido até o fim de fevereiro — vai mostrar com transparência a situação do ensino no país. “O ensino particular não piorou. A grande novidade é que o ensino público está dando um salto. A situação crítica enfrentada pelo ensino público nas últimas décadas acabou contribuindo para a proliferação de escolas privadas de baixo nível, ao lado de outras de alta qualidade.”



Bruno, com a bandeira, e Cristiano, alunos de classe média que vieram da escola particular, aprenderam a conviver com meninos pobres na escola pública

Matrículas de 1970 a 1994

	PÚBLICA %	PARTICULAR %
PRÉ-ESCOLA		
1970	59,2	40,8
1975	50,6	49,4
1984	65,9	34,1
1991	75,1	24,9
1994	76,6	23,4
ENSINO FUNDAMENTAL (1ª a 8ª série)		
1970	86,4	13,6
1975	87,1	12,9
1984	87,8	12,2
1991	87,6	12,4
1994	88,4	11,6
ENSINO MÉDIO		
1971	56,5	43,5
1975	54,7	45,3
1985	66,7	33,3
1991	73,0	27,0
1994	79,2	20,8

* Fonte: MEC